

Hellen de Souza de Freitas

**Entre saias e carabinas: A representação das soldaderas mexicanas através da
indumentária nos anos 1910-1920.**

Monografia apresentada à Graduação da PUC-Rio
como requisito parcial para a obtenção
do grau em Licenciatura em História.

Orientador:

Prof. Dr. Mario Ângelo Brandão de Oliveira Miranda.

Rio de Janeiro, dezembro de 2023..

“Long story short, I survived”
Taylor Swift.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças e oportunidades para que eu chegasse até esse momento de tamanha realização. Gostaria de agradecer também a PUC-Rio por conceber a bolsa de estudos e a permanência estudantil para que eu alcançasse meus objetivos. Meus agradecimentos ao meu orientador Dr. Prof. Mario Ângelo de Oliveira Miranda, que sempre me apoiou e ajudou na construção desse trabalho com tanta paciência e compreensão.

Gostaria de agradecer aos meus avós, Marta e Maurício, sem eles eu não conseguiria nada do que tenho até hoje. Nesses anos de graduação me acompanham com muito amor, carinho, compreensão e cuidado, me motivando e impedindo que eu desistisse nos dias difíceis. Em relação aos meus amigos, gostaria de agradecer especialmente minhas amigas Larissa Contreras e Sabrina Mescalho, pela companhia nessa jornada tão árdua. Aos desabafos, abraços, apoio, amizade e amor, que foram construídos e certamente durarão para a vida inteira. E a todos os meus amigos, muito obrigada, pela troca de experiência e risadas descontraídas quando eu mais precisei.

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre a representação das *soldaderas* como participantes ativas da Revolução Mexicana, especificamente entre os anos 1910-1920, por meio da junção da historiografia com o campo modístico. De forma que as múltiplas faces revolucionárias sejam observadas, e interpretadas através das fotografias disponíveis na mediateca do Instituto Nacional de Antropologia e História da Cidade do México. Explorando os locais de atuação dessas mulheres revolucionárias, sejam elas ativas na luta armada ou não, e analisando suas expressões de resistência e bravura por meio do uso do vestuário.

Palavras-chaves: Revolução Mexicana; Soldaderas; indumentária; feminino.

SUMÁRIO

1. O processo revolucionário mexicano.....	9
1.1. A ação das mulheres no período revolucionário.....	18
2. A moda como identidade.....	22
2. 1. A representação das soldaderas através da indumentária.....	28
3. Conclusão.....	37.
4.Bibliografia.....	39

Lista de imagens

1. Emiliano Zapata, revolucionário. Hugo Brehmen. 1917
2. Villa en la silla presidencial. Manuel Ramos. 1914.
3. Valentina Ramírez, soldadera. Agustín Casasola, 1911.
4. Soldaderas con uniformes acompañadas de dos hombres. Casasola. 1917 5.
Soldadera armada y sus tres hijos sentados en un campamento. Casasola. 1917.
6. Mujer, retrato. Archivo Casasola, 1910
7. Mujer, retrato. Archivo Casasola, 1910
8. Soldaderas en el estribo de un vagón en Buenavista, reprografía. Archivo Casasola,
1914.

1. Introdução

Esse trabalho pretende construir interações entre a historiografia e a moda através das relações com o meio social, político e cultural desenvolvido no período revolucionário. O desenvolvimento dessa proposta de trabalho se dá pela afeição ao segmento de história da moda, provocando a união da temática midiática e historiográfica.

Dessa forma, a perspectiva principal adotada dialoga com os argumentos do filósofo e sociólogo Roland Barthes, que realiza comparações entre a moda e a linguagem, de forma que o sistema da moda seja apresentado como uma maneira de comunicação. Tal comunicação estabelece relações entre o espaço e tempo, reconstruindo conceitos e aplicando argumentos que não se atém apenas às características históricas, mas antropológicas e sociológicas. E todas elas estão concentradas na autoria de Barthes, e sua ideia de moda como um conjunto de símbolos.¹

Contraponto com o ponto de vista pautado no senso comum de que a área da moda não dialoga com pautas sociais, políticas e culturais. Se concentrando unicamente nas questões estéticas, que por meio desse caminho argumentativo são relacionadas a futilidade, retirando o teor científico. Ponto que será valorizado nesse trabalho.

Nesse percurso, os pontos centrais desse estudo se dividem da seguinte forma: a parte inicial deste trabalho é contextualizar historicamente o movimento revolucionário mexicano, viabilizando suas continuidades e rupturas que caracterizam e consolidam a ação desse movimento. Os alvos principais nesse trecho argumentativo se concentram nas ações zapatistas e villistas, dando ênfase às suas relações de poder com o Estado do México, enquanto instituição, do ponto de vista macro. Porém, não ignorando a visão micro que captura narrativas da população mexicana participante ativa em prol de um México melhor.

Ainda nessa primeira parte, se explora a participação das mulheres na luta revolucionária, seja ela armada ou não. Analisando suas motivações a ingressar na vida política e suas formas de atuação, que não eram feitas de forma singular. Elemento que impulsiona a evidência de um dos pontos principais neste trabalho que consiste em trazer visibilidade para a agência feminina nesse período, que muitas das vezes é narrado através de perspectivas masculinas.

A segunda parte consiste em visualizar o feminino por meio das peças indumentárias

¹ BARTHES, Roland. Imagem e Moda. Trad. Ivone Benedetti. 2005.

com o auxílio de materiais visuais, as fotografias. Por meio delas, é possível traçar as entrelinhas que constroem a história das mulheres nesse período e apontar as convergências e divergências com a dimensão do masculino. Abordando discussões de gêneros e representação da moda nos contextos históricos, na intenção de questionar sua função como uma maneira de ler a história.

1- O processo revolucionário mexicano

O movimento revolucionário mexicano é caracterizado por seu perfil plural, em que os embates ideológicos são seus pilares. O pensamento mexicano no período de 1910 a 1920 pode ser exemplificado por um mosaico, em que mesmo sendo uma formação única sua construção é composta por múltiplas peças. No caso mexicano, a revolução é composta por personagens que moldaram conjuntos simbólicos sociais, políticos e culturais que construíram uma identidade mexicana.

A revolução eclode em 1910, entretanto o contexto histórico pré-revolucionário revela pontos importantes para compreender as motivações da rebelião. A crescente capitalista que invadia o México através das concepções de modernidade e produção de capital fez com que os mexicanos passassem por bruscas mudanças. Com o México sob comando de Porfírio Díaz, as transformações eram frutos das interferências internacionais, principalmente por parte dos Estados Unidos da América, que disseminavam a urbanização por meio da expansão das linhas ferroviárias como símbolo de modernidade.

A concepção de modernização, que é vista por lentes eurocêntricas, projeta tornar o território mexicano urbano e proletário. Entretanto, segundo Anna Maria Martinez Corrêa, o México pré-revolucionário dispunha de organizações particulares, que tinham suas bases majoritariamente agrícolas. Mesmo com suas divisões regionais, Norte e Sul, as atividades eram similares e construíram os pilares econômicos da época. Na região norte, a mais próxima dos norte-americanos, o cultivo em terras férteis era feito pelas aldeias indígenas, dividindo espaço com a produção de artesanatos. Já o sul mexicano abrigava a produção de açúcar, com uma grande quantidade de engenhos, e da atividade agrícola.²

Com a implantação de novas tecnologias no país a partir de 1888, a realidade agrícola tende às transformações. A instauração das ferrovias, através de investimentos estadunidenses, é uma das transformações na organização territorial e nas formas de sua distribuição entre as massas. Fator que fortaleceu a concentração de terras produtivas nas mãos de latifundiários e burgueses, e das empresas internacionais que ampliaram seu espaço de exploração. Sendo assim,

² CORRÊA, Anna Maria Martinez. A Revolução Mexicana (1910 – 1917) São Paulo: Brasiliense, 1983.

De um modo geral, nesse momento histórico, a propriedade da terra no México caracterizava-se pela concentração em mãos de poucos beneficiários. Cita-se o exemplo do general Terrazas que, nessa ocasião, possuía 15 fazendas perfazendo um total de 1 828 355 hectares. Porém, a crítica maior recaía na concessão de terras a indivíduos e a companhias estrangeiras nas proximidades da fronteira do norte, pondo em risco a própria integridade do território.³

Esse cenário se intensifica por meio das taxações e restrições jurídicas vinculadas ao uso das terras, instauradas por Diaz. A implantação da Lei dos Baldios⁴, fez com que a expropriação de terras onde residiam camponeses e indígenas avançasse, ameaçando as condições de vida desses sujeitos. As opressões do Estado sobre essa população perpassam as condições jurídicas e tangenciam o campo da violência com o objetivo de conter as insatisfações das classes menos abastadas. A presença do Exército Federal e da Guarda Rural fez com que diversas regiões, seja do norte do sul mexicano, sofressem com a ocupação estatal e violência que o processo de urbanização causou. Ademais, o recolhimento para essas tropas era feito pela *leva*, em que jovens eram capturados para lutar contra sua própria aldeia ou *pueblo*.⁵

As insatisfações com o governo ditatorial de Diaz não alcançaram apenas camponeses, mas operários da região norte. Ferroviários e trabalhadores de indústrias têxteis também estavam presentes no movimento contra o órgão estatal, e reivindicavam por melhores condições de trabalho. Sendo assim, greves ocorreram como, por exemplo, a de trabalhadores ferroviários em Cananae em 1906. As reações dos trabalhadores não foram bem aceitas e passaram por forte repressão do Exército Federal, o que aumentava as insatisfações gerais da população mexicana de diversas regiões.

O descontentamento, como podemos observar nos exemplos anteriores, era de toda população mexicana, fator que levou à eclosão do processo revolucionário. Mesmo que o sentimento contra Diaz fosse de igual revolta, os desejos não eram apenas esses e se diferenciavam entre as demandas sociais e políticas. Como mencionado acima, a pluralidade

³ CORRÊA, Anna Maria Martinez. A Revolução Mexicana (1910 – 1917) São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁴ Lei instaurada por Porfírio Diaz em 1893. Essa imposição jurídica promovia o cadastro de terras camponesas ocupadas ou não com o objetivo de impulsionar o processo de produção e expansão do capitalismo. CARVALHO, Marco Antonio Correia de. El tigre se despertó. Aspectos políticos da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917. 2014.

⁵ RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126, p. 90-107, 2011.

de posicionamentos ideológicos formaram grupos políticos, sendo os principais o movimento zapatista, villista e carranzista. Seus fundamentos eram diversificados, mas eram unidos por um ponto comum: tornar o México livre do ideal modernista estadunidense e a redistribuição de terras.

As novas ideologias surgiram e com elas a disseminação de informações por meio de jornais. Em 1905, Ricardo Flores Magón, lança o periódico *Regeneración* em que expõe a realidade vivida no país naquele momento. Segundo José Rampanelli, o crescente compartilhamento dessas informações foi importante para que a organização de movimentos políticos ocorresse. Dessa forma, a união de ideologias se depararam com a necessidade de ⁶ afastar Diaz da presidência, e esse foi um dos primeiros passos para o início da revolução.

O período eleitoral se aproximava e o temor da reeleição de Porfírio Diaz fez com que os líderes revolucionários se reunissem para indicar um novo representante. Porém, é preciso enfatizar que por meio dos clubes, fomentado pelos períodos como o *Regeneración*, a integração ideológica já se movimentava e tinham resultados. Em 1909, a constituição do Clube Central Anti-Reeleição se torna um meio de conscientizar sobre a possível reeleição de Diaz, e encaminhar Francisco I. Madero para tomar seu lugar, já que compactuava com os pensamentos liberais crescentes. Madero seria um representante ideal tendo como ponto de vista sua flexibilidade de se encaixar em objetivos de diversos movimentos políticos, mesmo que não atendesse todos os desejos dos grupos. Mas realizava o primeiro passo revolucionário: a deposição de Diaz, que foi oficializada após o período eleitoral em que não pode se reeleger como candidato a presidente do país.

O comportamento de Madero após assumir a presidência em 1911, partilhava do pensamento liberal de Diaz, o que intensificou a fragmentação dos movimentos políticos regionais.

“Francisco Madero, eleito presidente em 1911, inicia o seu governo em uma atmosfera de conflito com os seus antigos companheiros de luta. Em diversas regiões do México começam a estourar levantes armados contra o novo representante do poder Executivo em função do seu não cumprimento aos preceitos defendidos pelo Plano de San Luis⁷ e também por suas atitudes “conciliadoras” para com antigos representantes do Porfiriato.”⁸

⁶ RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 126, p. 90-107, 2011

⁷ O Plano de San Luis de Potosi foi decretado em 20 de novembro de 1910, por Madero, se tornando um símbolo da eclosão revolucionária. Uma das principais medidas desse Plano é a redistribuição de terras para aqueles que tiveram esse direito negligenciado por Diaz, ou seja, indígenas e camponeses. Promessa que não foi cumprida pelo presidente do país, fator que levou a revolta dessas parcelas da população.

⁸ CARVALHO, Marco Antonio Correia de. El tigre se despertó. Aspectos políticos da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917. 2014.

Os múltiplos desejos revolucionários foram contidos, em primeiro momento, pela representação de Madero, porém por conta do posicionamento do mesmo para com as populações camponesas e operárias a revolução tomou outras proporções.

Um dos primeiros líderes a se desvincular foi Emiliano Zapata, que coordenava o movimento zapatista no México. Esse movimento cresceu no sul do país, principalmente no estado de Morelos, após as repressões de Díaz contra o campesinato. As agressões ocorreram por todo México, mas variavam em determinadas regiões, por exemplo, no sul. A cidade de Morelos se destacava na produção de açúcar e, por isso, possuía grande quantidade de engenhos⁹. Nessa região se concentravam os *pueblos* com maiores articulações. Os *pueblos* podem ser definidos como uma estrutura de trabalho, que era organizado pela direção dos camponeses para a movimentação econômica. Entretanto, não eram articulados apenas com tais intenções pois se movimentavam politicamente, possuindo grande importância na luta pela reforma agrária pensada por Zapata.

Com as inovações modernas se espalhando por todo país, essa região sofreu grandes alterações com a adaptação do maquinário dos engenhos, pois as novas ferramentas de trabalho descartavam boa parte da mão-de-obra de trabalhadores. Sendo assim, muitos deles perderam suas formas de sustento, tendo que migrar para a agricultura. Mesmo com a segunda opção, as condições de vida se tornaram difíceis por conta da extensão da produção de açúcar, de forma que as terras dos camponeses fossem apropriadas pelos empreendedores, com a permissão de Díaz. Por essas condições, o líder Zapata declarou o Plano de Ayala em 25 de novembro de 1911, que rompia com as ideias de Madero.¹⁰

Sobre o Plano de Ayala, há discussões que o descartam como plano revolucionário pois possuía seus objetivos centrais em uma reforma agrária, focando em uma concepção regional da Revolução Mexicana. Ou seja, em algumas análises o plano zapatista não concebia uma mudança em todo território mexicano, mas atendia apenas a população camponesa. Entretanto, as propostas de partilha de terras de forma justa era um fator revolucionário para o contexto político, social e econômico do país. Portanto

Por que o Plano de Ayala é revolucionário? Porque adota as seguintes medidas: a) exige a restituição imediata das terras e a criação de tribunais revolucionários; b) obriga os fazendeiros e latifundiários, e não os camponeses, a esclarecer e justificar a legalidade da propriedade das terras; c) põe o bem-estar coletivo acima do individual, prefigurando a função social da

⁹ No período de 1908, a Cidade de Morelos era a terceira maior região produtora de açúcar em âmbito mundial, ficando atrás apenas para Havaí e Porto Rico. Prado, Adonia Antunes. "O zapatismo na revolução mexicana: uma leitura da revolução agrária do sul." *Estudos Sociedade e Agricultura* (2003).

¹⁰ CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Revolução Mexicana (1910 – 1917)* São Paulo: Brasiliense, 1983.

propriedade; d) estabelece o direito de defesa, com armas, das conquistas realizadas.¹¹

É interessante pensar que mesmo com as ponderações do movimento se focando em vivências específicas como, por exemplo, a dos grupos camponeses de Morelos. Outros grupos de camponeses em variadas regiões do país partilhavam das mesmas ideias, com algumas variações, mas tendo como visão a partilha de terras. Explicitando que o sentimento revolucionário era composto por divergências, mas era impulsionado pela vontade de viver um México melhor, que se desvinculasse da centralização do poder nas mãos de representantes que não visavam a população de classe mais baixa. Dessa maneira, o movimento villista partilhava desse sentimento. Essa vertente era liderada por Pancho Villa, e era composta por agricultores, aldeias indígenas e trabalhadores da região norte. Tal localidade possui tamanha heterogeneidade cultural por conta da migração em massa que ocorreu por conta do avanço industrial. Assim, a diversidade de pensamentos e ideias referente à revolução eram diversas, com isso o movimento era composto por uma parcela diversa da população. A região norte sofria a repressão do estado e das interferências internacionais por meio de impostos e de condições de vida precárias. As *tendas de raya* é um exemplo da imposição tributária e da forte interferência estadunidense no território mexicano¹². Entretanto, a migração de mão-de-obra operária e a parcela que ocupava as zonas mineiras, davam cor ao mosaico ideológico na região. Provando que mesmo dividindo a mesma região, as ideias eram disseminadas e caminhavam para caminhos distintos.

Sobre as interferências externas na política mexicana, a direção de Francisco Madero não estava sendo favorável ao governo estadunidense por não cumprir um dos requisitos importantes: pacificar a população mexicana para a implantação de modernização. As intenções norte-americanas se voltavam para a exploração territorial do México para aprimorar a acumulação do capital e usufruir a mão-de-obra e matéria prima barata. A consolidação das relações políticas entre os países fez com que Victoriano Huerta ocupasse o lugar de Francisco Madero em 18 de fevereiro de 1913. A decisão foi tomada para que os ânimos mexicanos se acalmassem com a intenção de efetivar o plano de modernização se perpetuar.¹³

¹¹ RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126.

¹² As tendas de raya eram armazéns que se localizam próximos às indústrias. Seus produtos possuíam altos valores em relação aos comércios locais, entretanto eram as mais próximas, levando os trabalhadores a consumir no local. Pelo alto valor cobrado pelos produtos, muitos trabalhadores se endividaram. Essas dívidas não eram fáceis de extinguir, fazendo com que os sujeitos entrassem em uma relação de servidão com o serviço industrial. CARVALHO, Marco Antonio Correia de. El tigre se despertó. Aspectos políticos da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917. 2014.

¹³ Ibidem, p. 25

Os líderes Zapata, Villa e Carranza, que seu movimento era voltado para a parcela operária da população, continuaram com seu descontentamento. A liderança de Huerta não atingiu os interesses da população, e as agressões contra ela se intensificaram. O que levou a união dos líderes Zapata e Villa por meio do *Pacto de Xochimilco* em 4 de dezembro de 1914¹⁴ a derrotarem o Exército Federal, assim tirando Huerta do poder. Entretanto, a partir desse ponto, é interessante notar que com a derrota de Huerta, o elo entre os vitoriosos começa a se romper, em função das causas divergentes defendidas por cada facção.

A constante mudança de direções que o processo revolucionário obteve proporcionou para o país uma enxurrada de rupturas e continuidades, em que batalhas armadas e não armadas se tornaram o cotidiano da população. Portanto, Carranza ocupa o lugar de Huerta. É importante frisar que as representações que ocuparam o lugar na presidência foram escolhidas por meio de interesses, aqui já mencionados, que não englobavam a população mexicana. Logo, para ocupar esse lugar deveria seguir pensamentos semelhantes ao de seus antecessores.

Um sinal desse fato é a instauração da Constituição de 1917. Em seu momento de consolidação os líderes Zapata e Villa não puderam estar presentes, fazendo com que as decisões fossem tomadas de um ponto de vista carrancista e único, mutilando a democracia. Algumas das decisões tomadas colocam a população em uma situação de passividade, mesmo após a diversos feitos revolucionários,

“Esse mesmo artigo 27, declarando que a propriedade original do México pertence à nação, em seu segundo parágrafo exige que seja feita a reforma agrária para que assim possa ser restituída a terra a população rural. Percebemos que essa medida procurava evitar que os trabalhadores fizessem por sua própria conta a reforma agrária, já que a Constituição declarou como o único representante da nação o Estado (poder Executivo) a quem fica a responsabilidade de levar a cabo a reforma no campo”¹⁵

Após a elaboração da Constituição a opressão contra os movimentos sociais e políticos da oposição continuaram, levando ao assassinato de Zapata em 1919. Acontecimento histórico que intensificou a efervescência política, fazendo com que em 1920 Carranza deixasse o poder. A disposição de Carranza do poder só demonstra a instabilidade do sistema político nesse período, em o México se constrói sobre peças fragmentadas. Fator que compromete a

¹⁴ ⁹ Foi um pacto verbal realizado entre os líderes do Zapatismo e Villismo para retirar o poder das mãos da burguesia. RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 11, n. 126, p. 90-107, 2011.

¹⁵ CARVALHO, Marco Antonio Correia de. El tigre se despertó. Aspectos políticos da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917. 2014.

perspectiva de futuro e a situação política que envolve a massa que passou por opressões por mais de 20 anos.

Nesse cenário de intensa instabilidade após o assassinato de Zapata, Álvaro Óbregon assume o poder. Álvaro Óbregon não seguia os mesmos caminhos ideológicos que Zapata, assim se aproximando dos movimentos urbanos e pequenos proprietários, tendo como base uma ideologia “positivista”. O governo de Obregón abre novos caminhos para a consolidação do cenário político mexicano a partir de 1920. Nos primeiros anos do governo sobre direção de Obregón tudo correu regularmente, entretanto, em 1923 após apontar Adolfo de La Huerta como seu sucessor, o andamento da situação se alterou. Fato que alavancou as lutas armadas.¹⁶

Por fim, os acontecimentos históricos descritos anteriormente servem para contextualizar o panorama geral revolucionário. Portanto, podemos observar que a revolução é caracterizada pelas continuidades e descontinuidades na busca de formar um México singular, que resultam em ambiguidades. A diversidade de movimentos e sujeitos nas regiões do país dão o tom de pluralidade para a revolução, entretanto em meio a tantos fragmentos, construir uma identidade única se torna importante.

Seguindo o pensamento de Rafael Antonio Rodrigues , a busca por uma identidade singular era algo importante para o período revolucionário e pós-revolucionário. Um México em que múltiplas faces e culturais moram dentro do mesmo espaço, destacar uma unidade que abrangesse todo país era um caminho difícil. O tema ganha atenção no processo revolucionário, tendo a criação da Escuela Internacional de Arqueología y Etnología Americana na cidade do México em 1911.¹⁷

A busca pela representatividade moderna mexicana tangencia pontos de reflexão necessários. O primeiro ponto é entender a função da identidade cultural para a consolidação de uma nação, e os fundamentos que são levados em consideração. Além do mais, entender que a concepção de identidade nação é advinda de um local branco, masculino e europeu. Assim, pensar na construção nacional mobiliza diversos aspectos que perpassam o âmbito cultural, passando pela raça, gênero e política

Com as interações entre essas áreas, as representações identitárias são constituídas por relações de poder, o que as tornam fluidas e instáveis. Ou seja, no caso do período

¹⁶ CARVALHO, Marco Antonio Correia de. El tigre se despertó. Aspectos políticos da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917. 2014.

¹⁷ RODRIGUES, Rafael Antonio. A temporalidade da Nação. México, indigenismo e revolução. 1910-1940. 2012

revolucionário, as negociações de poder fazem com que as representações se tornem ainda mais diversas por conta disso. Um dos passos para os estudiosos da época em busca da identidade nacional foi revisitar o passado, levando em conta o cenário de opressão das comunidades camponesas e indígenas. Revisitar o passado em busca de conexões culturais é entrelaçar o arco temporal entre passado e presente, expandindo a perspectiva de espaço que a identidade ocupa.¹⁸

Na busca por arquétipos mexicanos que preenchessem a cultura revolucionária, a figura do mestiço ganha atenção por representar a multiplicidade do país. O mestiço interpreta a representação nacional por conta da junção do branco europeu e do nativo mexicano, acolhendo todos os rostos revolucionários que lutavam para um México sem opressão. “O mestizo será o lugar de encontro, um tempo-espaço no qual as dissonâncias políticas-culturais serão esfaceladas em prol da necessidade de se forjar um Eu coletivo, uno e indivisível, para a nação.”¹⁹

A valorização do indigenismo é carregada de ambiguidades que comprovam a instabilidade na constituição do ser nacional. Mesmo que essa figura representasse o mosaico cultural mexicano, os sentidos pejorativos remetiam o apagamento do verdadeiro significado da luta mestiça. Seu espaço nos âmbitos culturais e políticos, nessas movimentações, eram ocupados de formas diferentes fazendo com que suas dores do passado fossem meras escolhas tomadas por eles mesmos. Fator que comprova a força do poder constitucional sobre apagamentos ou remanejamentos mediante a interesses políticos. Sendo assim,

Isto é, se os aborígenes deixavam de ser apenas passado para se tornarem presentes, eles perdiam sua historicidade, seu sentido próprio e singular de ser e estar na história. Se a revolução logra situar o indígena à ordem do dia, este deslocamento não se dá sem o preconceito de que às culturas indígenas lhes faltavam história, ou melhor, historicidade.²⁰

Além do mais, a visão de um sujeito que representa a nação também está pautada em relações de gênero. A visão moderna do sujeito, seja ela europeia ou mexicana, é guiada pela visão masculina onde homens escolhem outros homens como representações, e esses homens possuem maior poder de escolha. Sendo Márcia Fagundes Barbosa, o estereótipo¹³ feminino

¹⁸ BARBOSA, Márcia Fagundes. Nação, um discurso simbólico da modernidade. *Crítica Cultural*, v. 6, n. 1, p. 203-216, 2011.

¹⁹ RODRIGUES, Rafael Antonio. A temporalidade da Nação. México, indigenismo e revolução. 1910-1940. 2012

²⁰ *Ibidem*. p,9

se constrói juntamente com a modernidade, que impõe a mulher como coadjuvante nas relações de poder. Isso toma forma desde a França, com a Revolução Francesa, que mesmo a mulher fazendo parte da cidadania, não exercia seu papel como tal. Fator que se intensificou com o avanço do capitalismo, em que é vista como órgão reprodutor de mão-de-obra e acumulação primitiva. Por fim, é importante identificar esse histórico feminino em meio a historiografia e suas condições divergentes e convergentes nas mais variadas sociedades. Sobre isso, iremos abordar melhor na segunda parte deste capítulo.

Em suma, a ideia de construção de um órgão único nesse período revolucionário é turvo e cheio de ambiguidades que amplificam as relações entre sujeito, nação e política. Toda essa situação se torna ainda mais intensa pela visão de um período de lutas armadas e instabilidade de poder, que desenha uma história do México potente e complexa, que iremos destrinchar sobre novas perspectivas nos tópicos adiante.

1.2- A ação das mulheres na participação revolucionária

Em primeiro lugar, é importante analisarmos o conceito de feminino enquanto singular. A unidade desse conceito é proposto de diversas maneiras em vários temas, deixando em aberto a pluralidade que esse conceito carrega. As ideologias, posicionamentos, desejos e lutas não devem ser codificados de formas únicas, nos levando a assimilar que todas as mulheres partilham do mesmo ponto de vista. Principalmente, no processo revolucionário mexicano, visar o público feminino como parte ativa e diversa do mosaico cultural é um exercício de desconstrução do conceito de feminino enquanto unidade. Esse caminho garante às mulheres o reconhecimento por suas particularidades e agência histórica, implicando nas transformações sobre a pauta de gênero.

Os avanços nos estudos de gênero repensam um sentido revisado do próprio conceito de gênero, tangenciando diretamente na concepção de feminino e suas vinculações com corpo e pertencimento social. Para Adriana Piscitelli, a pauta de gênero quando visualiza a mulher de maneira universal e globaliza suas ações e reações, ignora os contextos históricos e sociais que essas mulheres estão inseridas. Construindo um padrão do feminino que se coloca na relação dominador/dominado no trajeto histórico.²¹

O papel das mulheres na construção da historiografia é constantemente apagado, de forma que suas ações políticas, sociais e culturais estejam escondidas. A invisibilidade do que é ser mulher perpassa até mesmo quando os escritos sobre elas são feitos por homens, anulando o que acham ou pensam sobre si. E em determinadas narrativas, elas são caracterizadas de forma desrespeitosa e ornada de futilidades.

Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las. Os comissários de polícia falam de "megeiras" ou de "viragos" (mulheres de aspecto e atitudes masculinizadas) para designar as manifestantes, quase sempre taxadas de "históricas" caso soltem o menor grito. A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de

²¹ ¹⁴ PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. A prática feminina e o conceito de gênero. Textos didáticos, v. 48, p. 7-42, 2002.

No processo revolucionário a construção de uma mulher passiva se tornou uma representação. O apagamento histórico coopera para essa percepção, já que as mexicanas trouxeram mudanças significativas na luta armada e não armada. No caso mexicano, o mito da *Adelita* ronda o feminino, denotando seu perfil através de uma leitura incerta em que mulheres são colocadas como dóceis ou violentas. Ignorando a multiplicidade que é ser mulher e os contextos que as soldaderas estão inseridas, impondo rigidez no comportamento da mulher no processo revolucionário. Entretanto, não foram todas elas reconhecidas pelos feitos no momento pós revolucionário.

Ao contrário dessa perspectiva apresentada, as vivências femininas no processo revolucionário perpassam por diversas camadas sociais e políticas, sendo assim, suas motivações não eram únicas. Segundo Lucía Jaén , as razões do interesse das mulheres pela política¹⁶ partia de diversos lugares desde a preocupação com a família até os próprios interesses de mudanças no contexto mexicano. Outras se voluntariaram para a batalha com a intenção de melhorar suas condições econômicas e sociais em busca de maior liberdade de vida, entretanto, outras eram raptadas e obrigadas a se alistar.

As múltiplas escolhas encaminharam o segmento feminino no meio de batalha, entretanto, os estereótipos vinculados ao feminino estava presente em todos eles. Por exemplo, muitas mulheres que iam com seus maridos para o campo de batalha ficavam responsáveis por cuidar dos filhos e seus maridos, e até mesmo de outros soldados. O ato de cuidar era visto como especialidade feminina pelo ponto de vista masculino, ao ponto de muitas mulheres se tornarem as provedoras de alimentação, fora os serviços como enfermeiras.

En cuanto a la obtención de estos productos, las soldaderas podían adquirirlos de dos formas: comprándolas con dinero que los soldados les daban para ello o robándolos. Ambas labores eran peligrosas, puesto que, en muchas ocasiones, las mujeres tenían que caminar muchos kilómetros pudiendo ser agredidas sexualmente, secuestradas o incluso asesinadas.²³

²² Perrot, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Editora Paz e Terra, 2017.

²³ JAÉN TORNEL, Lucía. La participación de las soldaderas en la Revolución Mexicana. La Referencia, 2018.

De acordo com o trecho mencionado podemos analisar as mudanças ocasionadas por acontecimentos históricos nos papéis de gênero. Tendo em vista o avanço do capitalismo e a instalação de um projeto moderno no território mexicano, as mulheres são vistas com algumas diferenciações, que veremos no decorrer do trabalho.

A luta feminina no contexto mexicano não se limitou apenas ao uso das armas ou da presença constante no campo de batalha. Diversas mulheres se destacaram na disseminação de informações revolucionárias através de meios de comunicação. Um exemplo é Hermilda Galindo, secretária de Zapata, que fomentou seu ponto de vista por meio da sua própria revista "*La mujer moderna*". Entretanto, mesmo com a efervescência ideológica dos períodos iniciais da revolução, as mulheres desse lado da luta também sofreram pagamentos sobre seus feitos. Até mesmo no processo de consolidação da constituição de 1917, a inclusão das mulheres era feita por líderes homens, de forma que o pedido de Hermilda Galindo ao direito ao sufrágio não foi aprovado.²⁴

Além do mais, muitas mulheres vivenciavam violências no cotidiano do campo de batalhas. Estupros, violência física e moral, preenchiam o ser mulher nos ambientes majoritariamente masculinos, em que os próprios soldados realizavam esses atos contra elas. Essa pauta atinge novamente os papéis de gênero, ao ponto de mulheres se masculinizarem para garantir respeito e cargos bem sucedidos nos Exércitos revolucionários. Os trajes e comportamento masculinos eram formas de não sofrerem violências, permitindo que as mulheres da luta armada obtivessem mais liberdade no campo de batalha.

Petra Herrera é um dos exemplos. Adotou o nome Pedro Herrera e lutava pelo movimento carrancista no período revolucionário. Passou anos lutando dessa forma até alcançar o lugar de coronel, e mesmo quando seu gênero foi descoberto, a mesma continuou sendo coronela de uma linha combatente feminina. Esse processo de masculinização das mulheres ocorria com frequência porque como mulher seu lugar era nas linhas mais baixas e de menos prestígio. Logo, usar a identidade masculina era um caminho para a sobrevivência e reconhecimento nas linhas de combate.²⁵

Outro exemplo é de Doña Luchita, combatente no Exército do Sul ao lado de Emiliano Zapata. Luchita foi uma das únicas mulheres, nos registros, que lutou de forma armada nos dez primeiros anos revolucionários, 1910-1920. Iniciou sua carreira militar ao lado do general

²⁴ CARBALLIDO, Elvira Hernández. La historia de la prensa en México desde la perspectiva de género. 2011.

²⁵ Marcela de Castro- Las soldaderas: mulheres na revolução mexicana de 1910. Revista Outras Fronteiras, v. 3, n. 1, p. 142-156, 2016.

Francisco Mendoza, um dos participantes na formação do Plano de Ayala. “Al inicio se enroló para buscar a su marido y matarlo, pues le tenía mucho odio; pero supo que yalo habían matado. De todos modos, ella continuó por los ideales de tierra y libertad”²⁶

Nos dois casos apresentados podemos observar os diferentes contextos em que a luta armada feminina se estabelecia. As diferentes vertentes ideológicas e as razões subjetivas que levaram cada uma ao campo de batalha. E é válido ressaltar que as condições para cada movimento social que elas se vincularam haviam variações. Pensar nas vertentes revolucionárias levanta questões de identificação e classe social, pois as mulheres que participavam do combate, seja armado ou não, advinham de classes distintas.

A parcela proveniente do Sul do país se interessava pelo movimento zapatista, outrora a parcela habitante do Norte se identificava com Pancho Villa e o villismo. Além disso, as soldaderas da luta armada ou que se dirigiam aos campos de batalhas por conta de suas famílias ou a trabalho, eram consideradas inferiores aos olhos da época por serem de classes mais baixas. Principalmente as camponesas e analfabetas que não possuíam proximidades com os estudos, que eram restritos para classes médias e altas da sociedade. Muitas dessas da classe média ou alta possuíam acesso às aulas de piano, leitura, e etiquetas europeias, e são as mesmas que se envolveram com periódicos e suas escritas. Sendo assim,

Através de instituciones como la familia y la escuela recibían la consigna de que su escenario natural era el hogar pero hubo casos donde empezaron a invadir el espacio público para ejercer una profesión, estudiar en la Normal de Maestras o en la universidad y participar activamente no sólo en el movimiento revolucionario sino también en el feminista.²⁷

Por fim, as mulheres que vivenciaram o processo revolucionário são compostas por diversos perfis que colocam em questão as relações de gênero e poder. Nessa breve demonstração da potência feminina, seja na luta armada ou não, podemos analisar um dos pontos principais desse trabalho que é observar a conjunção cultural, social e política dos sujeitos históricos na Revolução Mexicana. E por meio das demais análises aqui colocadas, iremos nos aprofundar na concepção feminina dentro da guerrilha.

²⁶ GARDUÑO, Rocío Aída Gómez. Mujeres morelenses en la Revolución Mexicana. Tamoanchan: Revista de ciencias e humanidades.

²⁷ CARBALLIDO, Elvira Hernández. La historia de la prensa en México desde la perspectiva de género. 2011.

2- A moda como identidade

A disseminação da moda no processo histórico se iniciou em meados do século XVII a partir do uso de vestuários requintados pela classe burguesa europeia. O salão de Versalhes se tornou um local referência para a criação de modas e *modus*, que eram recriados por aqueles que não viviam tal realidade. O processo de recriação do modelo de vida hierárquica foi sendo difundido ao longo do século XVII e XVIII, criando um jogo de aparências em que a indumentária era um dos pilares principais. O autor George Simmel, retrata esse pensamento em sua obra *Filosofia da moda* (2008), realizando ressalvas de como o vestuário se torna um símbolo de distinção social entre classes sociais e entre gêneros. E que os jogos de imitação, em que as classes menos abastadas reproduziam a estética hierárquica por meios simplificados, é uma forma de identificar a indumentária como representação. Essas novas práticas impulsionam a democratização da moda, atraindo olhares daqueles que não se sentiam incluídos pelo sistema político do período. E através das inovações técnicas como a invenção da máquina de costura propiciam a disseminação do vestuário como um elemento principal na realidade social.

Os estudos sobre indumentária, que também se iniciam nos séculos XVII e XVIII, em primeiro momento são pautados nos movimentos sociais e políticos interpretados pelas camadas privilegiadas. Em que os estilos do vestir são levados em consideração, de forma que as análises eram realizadas tendo em vista apenas as roupas, e não os impactos de proporções estruturais que elas reproduziam. Ou seja, a moda não era encarada como uma agência que interferia diretamente no comportamento social da época.

Tendo em vista os apontamentos realizados por Simmel (2008), o vestuário se torna a representação de algo. No caso da realidade francesa dos séculos mencionados, a moda se consolida como uma forma de distinguir públicos e camadas sociais, demarcando as relações de poder que estão presentes no meio. Mesmo que essas interações de poder não se expressassem de forma explícita, elas eram expostas por meio dos costumes configurados pela interferência da indumentária. Assim, a indumentária se consolida como um meio de comunicação não-verbal.

No século XIX, os estudos de moda propõem outras direções em relação aos estudos iniciais. A ausência da compreensão do vestuário como um recurso de estudos das relações sociais e políticas faz com que novas propostas floresçam, trazendo bases sociológicas e históricas para essa discussão. Agora a moda não é compreendida apenas como uma seleção de roupas e adornos, mas questionamentos sobre as motivações de seus usos e seus impactos nos âmbitos sociais são realizados. Como menciona Roland Barthes (2005), as iniciativas de estudos sobre a moda eram realizadas através de ideologias psicológicas em que autores como, John Carl Flugel, colaboraram para essa vertente. Esse enfoque trabalha com ideias que implicam na origem da ideia de se vestir interligadas com a origem do pudor e das necessidades fisiológicas como, por exemplo, as condições da natureza.

Entretanto para Barthes, após ter contato com esse tipo de análise, seus apontamentos declaram a moda como um sistema regido por um conjunto normativo presente na sociedade. As normas, sejam elas impostas nos âmbitos políticos, sociais, econômicos, religiosos e culturais, atravessam a moda por completo, ao ponto de realizar marcações sobre ela. Por outro lado, o sistema da moda não é passivo diante as ações normativas pois possuem seu próprio ritmo de funcionamento. E nesse tempo da moda, a mesma consegue se adaptar a pluralidade presente nas sociedades. Sendo assim,

A indumentária vive em estreita simbiose com seu meio histórico, muito mais que a língua; episódios violentos guerra, exodus, revoluções) podem romper rapidamente um sistema; mas, ao contrário da língua, a reparação do sistema é muito mais rápida.²⁸

A comparação que o autor realiza com o sistema linguístico se trata da concepção da moda como um conjunto de valores, de significados e significantes. Essa ideia levanta divergências entre os conceitos de traje e indumentária. O traje faz parte do sistema indumentário mais como uma forma de representação do que como significante. O traje é de cunho individual, a maneira como o sujeito se posiciona dentro do meio social, mediante as normas de indumentária que a circundam. Entretanto, não é um elemento estático pois pode se transformar em indumentária por meio de modificações na codificação de seu uso. Esse processo de transição é um dos mais importantes, pois ocorre por detalhes na forma de usar a

²⁸ BARTHES, Roland. Imagem e Moda. Trad. Ivone Benedetti. 2005.

roupa como, por exemplo, a maneira de dispor de botões. Assim, o traje adquire um valor social e político que é disseminado pela sociedade.

Por outro lado, a indumentária é o significante, que possui e compartilha o valor no sentido social. Ou seja, a concepção de indumentária não se baseia apenas nas peças de vestuários, mas é uma estrutura social, política e cultural que demarca o andamento do contexto histórico. Tendo o valor de comunicação e representação, através do traje, em momentos históricos e pode ser analisada como um documento histórico, Assim, mesmo com as divergências de agências existentes entre os dois conceitos, ambos se tornam dependentes de si mesmos.

Tendo conhecimento que a indumentária é repleta de valores e que eles são resultados do meio social indicado, ela tem o papel de notificar situações ocorrentes nas esferas sociais. As suas representações produzem demarcações que são expostas através de adornos, de roupas, modo de alinhar o cabelo e até mesmo do comportamento. No caso da sociedade mexicana, por meio da indumentária podemos argumentar uma sequência diversas de debates, principalmente através das produções visuais realizadas na Revolução mexicana. A diversidade de ideologias que integravam o espaço mexicano, a indumentária é uma maneira de interpretação dos personagens participantes desse momento.

Por exemplo, Emiliano Zapata e Pancho Villa, os dois líderes carregavam valores por meio de suas estéticas. Focando em Zapata, sua figura heróica foi construída através de fotografias, em especial a realizada por Hugo Brehmer no ano de 1918.



Imagem 1: Hugo Brehmen. Emiliano Zapata, revolucionário. Retrato. Morelos, 1918. Disponível em:

Através desta fotografia pode-se analisar o quão o conjunto indumentário possui um peso na representação do líder zapatista. Os símbolos sugerem a comunicação não-verbal que delimitam a posição de poder em que Zapata ocupava, e a dualidade entre poder e resistência. A dualidade de armas, sabre e carabina, cria a atmosfera de líder respeitado e expressa o tamanho de seu poder sobre seus acólitos, impondo respeito. As cananas, cinturão de munição que se coloca sob o peito, juntamente com a faixa que cruza o tórax de Zapata, desenha um líder forte e corajoso. Não somente um rebelde revolucionário, como era visto pela mídia e outros líderes, mas a fotografia propõe um líder conciso e consciente de suas escolhas políticas.. A representação do chefe do Exército do Sul dessa maneira mobilizou quase a totalidade de publicações visuais sobre ele. Deixando marcado que Zapata era um líder do povo, realçando seus traços camponeses por meio de sua composição indumentária. Criando um cenário heróico para Zapata, que se reproduziu no cinema com o filme *Viva Zapata!*, produzido pelo diretor estadunidense Elia Kazan, em 1952.²⁹

A partir desse exemplo, podemos refletir sobre os valores mobilizados pela representação do vestuário, principalmente aqueles que tratam a indumentária como um canal de comunicação. Através do avanços de estudos sobre a área, a moda passa a ser encarada como uma forma de mídia comunicativa, juntamente com a expressão corporal.

“Com a soma da mídia secundária (moda) e mídia primária (corpo), é possível fundamentar a interação e a normatização social em discursos cada vez mais complexos e com grandes variações passíveis de serem protagonizadas, já que cada elemento decorativo pode tornar-se pivô de uma informação diferente.”³⁰

A relação entre moda e corpo permeia a história da indumentária por séculos. A junção dessas estruturas codificam maneiras de diálogos que são cruciais para a compreensão histórica, pois ao longo da historicidade o corpo sempre foi visto na relação espaço e tempo. O corpo sempre está presente em toda evolução do espaço e tempo, e com os acontecimentos históricos sofre transformações. Logo, o vestuário que o acompanha tende às modificações e inovações do espaço e tempo, mesmo que em ritmos distintos.

²⁹ BARTHON and GONÇALVES. A Revolução Mexicana (1910-1920): a prova de fogo da fotografia revolucionária. 2017. Londrina.

³⁰ GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de; CASTILHO, Kathia. Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos. 2005.

Os primeiros pensamentos sobre o ato de se vestir estavam pautados em cobrir o corpo nu. Seja por questões geográficas e naturais, como frio e calor, ou por razões morais, como podemos notar nas normas de vestimentas femininas na Idade Média, o corpo sempre foi composto pela indumentária. Sendo assim, como no trecho mencionado acima, o corpo se torna fonte primária de comunicação que comporta a fonte secundária, a moda.

Com as transformações corporais, as composições dos trajes se modificam. As novas formas de se vestir podem ser vistas por meio da evolução das técnicas e maneiras de produção. A revolução Industrial aplica novas maneiras de compreender o vestuário, tanto em sua forma de produção quanto ao alcance que as peças terão. A função dos costureiros cresce em todos os lugares europeus, e as novas normas de vestir agregam divergências e convergências entre os públicos. As dualidades da moda são expostas através das distinções de classes sociais e econômicas.

Uma das primeiras distinções de classes presentes na história é a dualidade entre o ambiente rural e urbano. Com o processo de urbanização realizado pela Revolução Industrial, o efeito do êxito rural reorganiza a cidade em espaços que antes não eram comuns, assim, os trajes caminham para essas mudanças. No estudo realizado por Gilda de Mello e Souza, em sua obra *O espírito das roupas* (1987), é possível observar a análise sobre a distinção entre os dois cosmos no Brasil. A moda e estética rural é modificada por meio das inovações estilísticas que ocorrem por meio da industrialização. O uso de crinolinas, estrutura de metal que cria volume para as saias, se torna recorrente em terras brasileiras, acompanhadas pelos ternos e cartolas masculinos.

Entretanto, seguindo o foco do trabalho realizado, a divisão entre cosmos faz com que a moda se apresente de formas diferentes, e esse fator leva a diversidade de estilos. Podemos pensar que a indumentária possui uma maneira de se expressar em cada *estrato do tempo*³¹, se adaptando às especificidades de cada. A exemplificação e menção a Emiliano Zapata pode ser utilizada de outra forma no momento, para que possamos compreender a questão dos estratos e do comportamento do sistema da moda. Em outra fotografia, registrada por fotógrafo anônimo no ano de 1914:

³¹ Esse conceito é utilizado pelo autor Reinhart Koselleck em sua obra "*Os estratos do tempo: Estudos sobre história*". Em que a temporalidade é vista por meio de estratos, assim, o tempo é relativo aos espaços que compõem cada estrato. O tempo de cada estratificação são moldados a partir de especificidades ocasionadas pelos aspectos geográficos ou a repetibilidade de normas sociais, políticas e culturais.



Imagem 2: Manuel Ramos.. Villa en la silla presidencial. 1914. Disponível em: https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/fotografia%3A452178

A fotografia apresentada traz elementos de divergência entre os líderes Pancho Villa e Emiliano Zapata. O papel indumentário nesse contexto pode ser analisado para obter informações de distinções entre o Norte e Sul, Villa e Zapata. Segundo Barthon Favatto e Richard Gonçalves (2014), os líderes revolucionários são representados de formas antagônicas, de forma que as divergências entre suas personalidades sejam apresentadas implicitamente. Por meio do traje pode-se notar que Villa, à esquerda, está vestido de trajes militares e quepe nas mãos, e ao seu lado está o Zapata, representante do Sul com trajes convencionais e o típico sombrero sobre o colo. Até mesmo o posicionamento dos dois na fotografia diz muito sobre o cenário político instaurado no período. Pancho Villa ocupando a cadeira presidencial e Zapata ao seu lado, fazendo com que a discussão sobre um projeto político que efetivamente unificasse o país fosse pensado. Entretanto, após essa reunião com ambas as escolas políticas presentes, que podemos observar ao redor dos líderes principais, o embate de poder volta a ocorrer. Retirando o deslumbre de um projeto consistente que abrangesse todo o México, englobando os diversos interesses.

A maneira como eles são representados visualmente na fotografia simboliza um conceito ideal e social programado pela captura do momento, sendo assim, em diversas situações a imagem apresentada não possui totalmente a veracidade do parecer. Há diferenças entre o *autoconceito ideal*, que é pautado na cultura do consumidor e na consolidação de heróis e símbolos de poder baseados no idealismo de algo. Outrora, o *autoconceito social* é construído

a partir do eu original quando exposto para o público, livre da máscara do parecer.³²

No caso analisado como exemplificação do papel da indumentária como marcador social, Pancho Villa é feito atrativo pelo fotojornalismo da época. Sua personalidade é construída sobre pilares de descontração e simpatia, enquanto Zapata era considerado como “rígido” e de pouca simpatia. Entretanto, a visão do chefe nortista é aprimorada para os bons feitos por conta do conhecimento de seu passado ríspido. Dessa maneira, pode-se verificar as formas como os trajes impactam na representação e venda da ideia de personagens históricos e na criação da concepção de heroísmo dos mesmos.

Portanto, o interesse aqui em questão é apresentar a moda como um conjunto de símbolos que quando vinculados a pesquisa histórica é um aliado para a compreensão de detalhes implícitos. Mobilizando não apenas a ação do vestir, entretanto explorando o contexto no qual esse movimento ocorre, notando as transformações que o sistema da moda passa para se adaptar ao momento específico, com o fim de atender a necessidade do público alvo. Nos exemplos mexicanos apresentados, a indumentária se apresenta como um fator conciso e necessário para compreensão de lacunas antes não exploradas, ao menos pelo caminho da moda.

³² GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de; CASTILHO, Kathia. Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos. 2005.

2.1- A representação das mulheres mexicanas através da indumentária e das fotografias.

As inovações técnicas que se aprimoraram no México no período revolucionário, de certa forma, intensificaram a disseminação das informações. Dentre essas inovações, a fotografia e o fotojornalismo ganham destaque por sua importância em registrar os momentos de batalha. A criação da Agência Fotográfica Mexicana, tendo como um dos fundadores Agustín Casasola, em 1911 foi uma das referências para o segmento fotográfico da época. O fotojornalismo constituiu um legado que revela as profundidades estabelecidas no processo revolucionário, dando visibilidade para rostos em batalhas e as múltiplas identidades que por eles são consolidados.³³

Os estudos sobre o uso da fotografia como fonte histórica cresceram no final do século XIX e traz consigo novas formas de ver os acontecimentos históricos. Por meio da imagem novos códigos são traçados e ideologias são construídas, por exemplo, a junção da análise da indumentária com as fotografias de períodos históricos. Pois,

As imagens podem revelar ainda as sutilezas referentes ao gênero, idade, aspirações sociais e nacionais, diferenças regionais e locais, de todo modo, precisam ser analisadas levando-se em conta a época em que foram produzidas e os responsáveis pela sua produção.³⁴

Dessa maneira, no caso mexicano estudado, a indumentária e a moda são formas de assimilar papéis de gênero e suas transformações no contexto histórico. Usando a indumentária como uma maneira de notificar e se situar no contexto histórico, de forma que a representação feminina seja notada. Por isso, as imagens disponibilizadas no Acervo Casasola, encontrado no Instituto Nacional de Antropologia e História do México, trazem novas referências de observação dos conceitos como identidade, modernidade e feminino, que já abordamos aqui.

As fotografias tendem a captar momentos únicos no cenário revolucionário, permitindo que um imaginário social se construa sobre as formas de captação do momento. Entretanto, em alguns casos, as fotografias podem ser articuladas para a formação de um contexto que nem

³³ GAUTREAU, Marion. La ilustración semanal y el Archivo Casasola una aproximación a la desmitificación de la fotografía de la Revolución Mexicana. 2007. México.

³⁴ GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de; CASTILHO, Kathia. Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos. 2005.

sempre tangencia o cotidiano. Esses tipos de fotografia são importantes de analisar para que possamos nos debruçar sobre os elementos que contestam a situação histórica. Por exemplo, a imagem de Emiliano Zapata enquanto posava com os adornos e símbolos já vista no estudo presente. Sendo assim, a análise da fotografia como fonte demanda atenções entre o inventado e o real.³⁵

Portanto, seja fotos montadas ou espontâneas, a indumentária ainda possui seu poder meio de comunicação não-verbal de expressões que procuram ser desvendadas. A moda se compara a linguagem, segundo Roland Barthes, sendo assim, a fotografia se torna um quadro para que a indústria, que constitui o sistema da moda, possa dialogar com o político. E no processo revolucionário mexicano, a fotografia e a indumentária se tornam um espelho para a construções de personagens, explicitando histórias que nem sempre são vistas pelas fontes escritas por exemplo, as mulheres. Principalmente, pois o desenvolvimento do fotojornalismo traz visibilidade do México no panorama internacional, identificando rostos que se encontravam perdidos no meio de outros.

No caso das mulheres mexicanas, a masculinização da aparência por meio da indumentária é presente nas fotografias, mesmo que ocorra de forma completa, mas por meio de determinadas peças. Essa ação das mulheres nos campos de batalha é um exemplo de que

As roupas portam significados do que se quer ser identificado, de uma auto-imagem, de uma projeção social do sujeito. Como representações visuais e simbólicas, as roupas, via de regra, podem identificar camadas sociais, profissões, idade e sexo das pessoas bem como diferenciar um grupo social de outro.³⁶

A interpretação dos vestuário considerados masculinos em mulheres é marcante no período revolucionário, entretanto, mesmo que as roupas conotam um sentido masculino, essas mulheres constroem uma identidade visual que interligam o conceito de nação e poder. Como podemos observar na fotografia abaixo:

³⁵ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. As imagens da moda e a moda das imagens. dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 2, n. 4, p. 76-83, 2008.

³⁶CAMPOS, Ludimila Caliman. "No afrouxar dos espartilhos: uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária." Revista Eletrônica História em Reflexão 6.12 (2012).



Imagem 3: Valentina Ramírez, soldadera. Agustín Casasola, 1911. Disponível em: https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/fotografia%3A510084

Na fotografia podemos observar artefatos de luta como, por exemplo, as cananas que eram utilizadas para armazenar munição de armas de fogo. O sombrero, a espada e as botas revelam sua atividade como combatente. As vestimentas carregam significados, e ao analisar essa fotografia em comparação a imagem 1, o sombrero e a espada também estão presentes. De forma que mesmo que as roupas estejam em corpos diferentes, um masculino e outro feminino, a exibição por meio da fotografia faz com que a roupa se torne ativa e demonstra suas transformações na ação de vestir. Logo, o imaginário da revolução é desenhado através de símbolos que se repetem que projetam uma representação coletiva do poder revolucionário.

A bandeira na imagem faz com que a ideia de coletivo e privado compartilhem o mesmo espaço. A bandeira representa um símbolo nacionalista do país, e nesse caso está sendo usada como uma representação de força ao lado de uma figura feminina, provando agência política que as mulheres possuíam naquele período. Quebrando o paradigma que a mulher pertencia exclusivamente ao ambiente privado, e seus atos de cuidar eram os únicos plausíveis, em relação ao homem e sua ligação com a vida pública.

Esse binarismo é construído ao passar dos séculos, se iniciando na Europa no século XVIII em que

As formas e os tecidos dos trajes, bem como os detalhes das peças, desenham espaços de atuação, atitudes e comportamentos, os quais, no que diz respeito ao homem, referem-se ao mundo público dos negócios e do trabalho. Os ternos escuros e de tecidos ásperos, o esmero e o cuidado com a aparência, com a decoração do rosto – a barba e o bigode –, juntamente com os símbolos fálicos da bengala, o

charuto, ou ainda o uso de jóias como as abotoaduras, eliminam da imagem masculina as rendas e os brocados do século XVIII e caracterizam o novo homem e a nova masculinidade. Para a mulher, a beleza, o uso dos artifícios da moda e da cosmética serão alocados para seduzir, encantar e conquistar.³⁷

Nas imagens da revolução mexicana essa divisão é ultrapassada, pois as mulheres ocupam lugares considerados masculinos na luta armada. Portanto, deve se considerar que mesmo com a crescente participação política nesse momento histórico, a constituição elaborada em 1917 não aprova a ideia do voto feminino. Evidenciando as continuidades e rupturas que ocorrem em processos políticos, que se tornam momentos instáveis e mobilizados pelos conflitos de poder.

Ainda sobre a dicotomia feminino/masculino, a indumentária realça as convergências e divergências entre os gêneros, reconstruindo a concepção do que é gênero. Os estudos de gênero não são pautados pela diferenciação natural, do sexo, mas sim pela bagagem social, política, cultural e econômica que interfere o indivíduo. Logo, o vestuário e seus adornos no²⁴ possuem gênero, como podemos observar na fotografia abaixo:



Imagem 4: Soldaderas con uniformes acompañadas de dos hombres. Casasola. 1917. Disponível em: https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/fotografia%3A191809

Os trajes militares e os armamentos fazem com que as mulheres se assemelhem ao masculino, mesmo que na fotografia os homens estejam de terno. O tamanho dos trajes

³⁷ SIMILI, I. G. Políticas de gênero na guerra: as roupas e a moda feminina. *Acervo*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 121–142, 2013. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/326>

militares utilizados pelas mulheres colocam em questão a funcionalidade da roupa e as ocasiões que são usadas. A calça e os quepes, deixam explícito o ofício que essas duas mulheres ocupavam e que, para isso, é necessário o uso de calças por serem mais adequadas ao movimento do campo de batalha. Realçando que a indumentária é um conjunto de informações que notificam os contextos sociais e históricos. Nesse caso, o vestuário identifica o momento histórico de batalha e a ocupação de ofícios masculino por mulheres.²⁵

O perfil das mulheres nos campos revolucionários era composto por uma vasta pluralidade em suas funções, assim, as roupas sofriam transformações.



Imagem 5: Soldadera armada y sus tres hijos sentados en un campamento. Casasola. 1917. Disponível em: https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/fotografia%3A453899

A Mulher com seus filhos no acampamento diz muito a respeito dos desejos e lugares de luta das soldaderas. A indumentária já denota que a mulher não está preparada para a batalha, assim como as outras imagens mencionadas nesse estudo, ao invés está na sua tarefa de cuidar. Entretanto, a presença de uma arma de fogo no colo da mulher, faz com que o contexto histórico seja identificado, denotando um ambiente de guerra. Juntamente, com seus filhos, a fotografia caracteriza as diversas formas de participação feminina, detalhando o cotidiano mexicano no período revolucionário. Contrastando com a fotografia posada e modelada para acatar algum desejo de representação, essa fotografia mostra o cotidiano no espontâneo. Fator que expõe a resistência feminina em momentos instáveis, e que mesmo ao pensar em si,

pensavam em outros indivíduos como seus filhos.³⁸

As formas que as fotografias são captadas dão sentido e direção para o leitor. No início do século XX, os estúdios fotográficos surgem e a disseminação de retratos no território mexicano acontece. Esse formato de imagem não era de fácil acesso para todas as classes, então as classes mais altas possuíam vários retratos nesse formato. Logo, a indumentária usada para os retratos eram diferentes daquelas expostas nas fotos autênticas captadas no cotidiano.

27



Imagem 5: Mujer, retrato. Arquivo Casasola, 1910



Imagem 6: Mujer, retrato. Arquivo Casasola, 1910

Nos dois retratos apresentados, podemos observar que o conjunto indumentário é diferente das outras fotografias utilizadas nesse estudo. A riqueza de detalhes dos vestidos, o uso de chapéus, as mangas dos vestidos, todos esses elementos são frutos do processo de modernização que ocorria no período. O avanço das fábricas têxteis proporcionam a produção de novos modelos, influenciados pela moda eurocêntrica, popularizando o estilo para as classes mais abastadas. Logo, os trajes típicos utilizados pelas mulheres ligadas diretamente aos campos de treinamento se desvencilharam dessa proposta de vestuário, principalmente por conta do conforto e mobilidade que as roupas de campo proporcionam para elas.

Em contraposição a esses trajes, o vestuário típico mexicano é carregado por significados

³⁸ BARTHON and GONÇALVES. A Revolução Mexicana (1910-1920): a prova de fogo da fotografia revolucionária. 2017. Londrina.

de um México pré-conquista. Em determinadas fotografias, as mulheres ainda utilizam boa parte desse estilo de vestimenta, principalmente os xales que serviam para carregar o que era necessário, e crianças pequenas, e também para proteção do sol. Alguns tipos de xales, os *rebozos*, eram utilizados por mulheres grávidas com a intenção de preparar o bebe na posição correta para o nascimento. De forma, que a amarração do rebozo auxiliasse o parto.³⁹ No período revolucionário, os lenços e xales eram utilizados no cotidiano das mulheres nos campos de treinamento:



Imagem 7: Soldaderas en el estribo de un vagón en Buenavista, reprografia. Arquivo Casasola, 1914. Disponível em: https://mediateca.inah.gob.mx/islandora_74/islandora/object/fotografia%3A205868

Podemos notar que os xales são utilizados em diversos locais do corpo como, por exemplo, nas cabeças, nos ombros, no tronco, mostrando a versatilidade e adaptação da moda. A indumentária acompanha o indivíduo em todas as situações, se transformando em expressão cultural, que nesse caso faz com que as mulheres sejam reconhecidas como participantes da luta armada ou não armada. Juntamente com a fotografia, a moda se torna um caminho de análise das informações de contextos políticos e históricos.

³⁹ BOHNENBERGER, Michele T. Philomena. A representação da figura feminina no muralismo mexicano sob a perspectiva de gênero. 2021.

Conclusão

Por fim, após as análises realizadas, a moda pode ser considerada como uma maneira de observar o contexto político, social e cultural do México revolucionário. As pautas de gênero esboçadas realçam ainda mais o local da moda como um conjunto de símbolos que interagem com interações, muito além de se deter apenas aos trajes. Reconstruindo conceitos, e mapeando rupturas e continuidades por meio de adornos e peças de roupas que simbolizam a identidade cultural almejada pelo momento.

Dentro dessas continuidades e rupturas, o conceito de gênero e feminino são realocados e visto por meio da interação entre as conexões sociais e culturais, “el sexo se refiere a las indiscutibles diferencias biológicas entre hombres y mujeres, mientras que género destaca que esas diferencias biológicas provocan una desigualdad social entre hombres y mujeres, que no es natural sino cultural.”

Compreender essa forma de classificação do conceito gênero é principal para trilhar caminhos identitários no México revolucionário, de forma que homens e mulheres partilhavam os mesmos espaços. Portanto, as mulheres sofrem apagamentos históricos, gerando estereótipos que desenham um imaginário feminino dócil e reservado aos cuidados. Imaginários que não cabem mais como definições sobre a representação política, e que não devem ser empregados em linhas de pesquisas sobre a história das mulheres.

Através das fotografias, disponibilizadas no Instituto Nacional de Antropologia e História da Cidade do México, novos caminhos de pesquisa podem ser explorados, interligando a historiografia com outros elementos como, por exemplo, a moda. Propiciando maiores análises sobre as interações da relação espaço e tempo em outras áreas, com o fim de abrir novos campos de estudos e disseminar a moda como elemento significante.

Exibindo as relações entre cosmos distintos como a dicotomia rural/ urbano através das peças de vestuário, com a intenção de evidenciar as transformações políticas, sociais, culturais e econômicas através de uma leitura diferente, mas eficaz. Como no caso mexicano, a indumentária explora as diversas fases revolucionárias e as contrapõe para que debates historiográficos e modísticos caminhem lado a lado.

Assim como menciona Fernand Braudel, as inovações metodológicas fazem com que a história não se torne prisioneira do seu próprio conhecimento. Logo, a junção dos diversos

contextos históricos com outras áreas proporciona a extensão do conhecimento e a disseminação de informações e discursos a serem questionados.

Bibliografia

BARBOSA, Márcia Fagundes. Nação, um discurso simbólico da modernidade. *Crítica Cultural*, v. 6, n. 1, p. 203-216, 2011.

BARTHES, Roland. *Imagem e Moda*. Trad. Ivone Benedetti. 2005.

BARTHON and GONÇALVES. *A Revolução Mexicana (1910-1920): a prova de fogo da fotografia revolucionária*. 2017. Londrina.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. *Revista de História*, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965.

BOHNENBERGER, Michele T. Philomena. *A representação da figura feminina no muralismo mexicano sob a perspectiva de gênero*, 2021.

CANO, Gabriela. Amélio Robles, andar de soldado velho: fotografia e masculinidade na Revolução Mexicana. *cadernos pagu*, p. 115-150, 2004.

CARBALLIDO, Elvira Hernández. *La historia de la prensa en México desde la perspectiva de género*. 2011.

CARVALHO, Marco Antonio Correia de. *El tigre se despertó. Aspectos políticos da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917*. 2014.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Revolução Mexicana (1910 – 1917)* São Paulo: Brasiliense, 1983.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de; CASTILHO, Kathia. *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos*. 2005.

GAUTREAU, Marion. *La ilustración semanal y el Archivo Casasola una aproximación a la desmitificación de la fotografía de la revolución mexicana*. 2007. México.

JAÉN TORNEL, Lucía. *La participación de las soldaderas en la Revolución Mexicana*. La Referencia, 2018.

KOSELLECK, Reinhart; HEDIGER, Markus. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Contraponto Editora, 2021.

Marcela de Castro- Las soldaderas: mulheres na revolução mexicana de 1910. Revista Outras Fronteiras, v. 3, n. 1, p. 142-156, 2016.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. A prática feminista e o conceito de gênero. Textos didáticos, v. 48, p. 7-42, 2002.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. As imagens da moda e a moda das imagens. dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 2, n. 4, p. 76-83, 2008

RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 126.

RODRIGUES, Rafael Antonio. A temporalidade da Nação. México, indigenismo e revolução. 1910-1940. 2012

Rodríguez Pérez, Estefani. (2017). "La indumentaria como signo constructor de identidad". (Tesis de Maestría). Universidad Nacional Autónoma de México, México. Recuperado de <https://repositorio.unam.mx/contenidos/62284>

SIMILI, I. G. Políticas de gênero na guerra: as roupas e a moda feminina. Acervo, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 121–142, 2013. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/326>

SIMMEL, Georg. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Texto & Grafia, 2008

SOUZA, Gilda de Mello. O espírito das roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987